

Hans-Hermann HOPPE

Meu caminho até a Escola Austríaca de Economia

Traduzido por Rick Theu



Esta palestra foi proferida em 23 de novembro no Palais Coburg em Viena, Áustria, em um evento que comemora o 70º aniversário da publicação de Ação Humana de Mises.

Hoje em dia, não é incomum que pessoas de 20 ou 30 anos sintam que precisam compartilhar suas memórias com o mundo. Mesmo em idade avançada, prefiro não falar publicamente sobre coisas e experiências pessoais de minha vida, mas reservar isso para conversas privadas.

Mas, por ocasião deste evento, gostaria de dizer algo sobre meu desenvolvimento intelectual: sobre meu desenvolvimento desde uma criança de seu tempo, que através de seu encontro com Ludwig von Mises e a Escola Austríaca de Economia se tornou um exótico intelectual - alguns o fariam digamos, um louco perigoso - aparentemente de uma época diferente. E, para esse fim, um pouco de fundo biográfico é apropriado.

Nasci em 1949 na Alemanha do pós-guerra, no mesmo ano em que foi publicada a *magnum opus* Ação Humana de Ludwig von Mises, que viria a descobrir quase 30 anos depois, e que teve uma influência decisiva no meu desenvolvimento intelectual, e que hoje, nesta ocasião, será apresentado pela primeira vez traduzido para o alemão.

Meus pais eram refugiados da área da ex-RDA (República Democrática Alemã), que depois da guerra acabaram em uma pequena vila na Baixa Saxônia, Alemanha Ocidental. Meu pai era um mestre alfaiate autônomo - entre muitas outras coisas, uma característica comum que tenho com Roland Baader, cujo pai também era um mestre alfaiate - que, depois de ter sido prisioneiro de guerra, não voltou para sua cidade natal ocupada pelos soviéticos. A família de minha mãe, que mais tarde se tornaria professora primária, foi expropriada pelos soviéticos em 1946 como os chamados East-Elbian Junkers e foi expulsa de suas casas e fazendas, carregando nada além de suas mochilas.

Até nossa mudança para a cidade vizinha, sete anos após meu nascimento, vivíamos em grande pobreza, com uma casinha fora do minúsculo apartamento da oficina. Mas quando menino eu realmente não percebi isso. Pelo contrário, lembro-me de meus primeiros anos como um menino de aldeia como uma época muito feliz. Desde o início dos anos cinquenta, minha família, graças ao enorme trabalho árduo de meus pais e sua economia resoluta e disciplinada ao longo da vida, experimentou um crescimento econômico ano após ano.

A edição local do *Hannoversche Allgemeine* era lida regularmente na casa dos meus pais e todas as segundas-feiras *Der Spiegel* a revista entrou na casa. Havia também vários livros, literatura clássica como a de Lessing, Goethe, Schiller, Kleist e Fontane, e literatura moderna como a de Thomas e Heinrich Mann, Max Frisch, Böll e Grass. Havia também algumas obras sobre história alemã, europeia e antiga, bem como várias obras de referência e atlas. Meus pais também eram leitores ávidos e sempre me incentivaram a ler, sendo que a história sempre me fascinou mais do que a literatura (e assim permanece até hoje). Não tínhamos televisão até os meus 16 ou 17 anos. Mas meus pais não eram intelectuais que poderiam ter me orientado na leitura, disciplinado ou aguçado meu julgamento. E eu faria o mesmo julgamento sobre meus professores do ensino fundamental, quase todos vindos da guerra e da geração pré-guerra.

No entanto, foi esse interesse crescente por questões filosóficas que também levou à minha crescente insatisfação e desorientação intelectual. Muitas das respostas e explicações que recebi para minhas perguntas pareciam arbitrárias, mais opinião do que conhecimento, contraditórias ou inconsistentes. De onde vieram essas contradições e disputas, com base em quais critérios

poderiam ser resolvidos e decididos, ou talvez não houvesse uma resposta clara para certas questões? Acima de tudo, porém, senti falta de algo como uma sistematização intelectual, uma visão global de todas as coisas e conexões, e foi especialmente essa necessidade e a busca de uma solução que me fez - inicialmente e por alguns anos - uma criança típica do meu tempo: o tempo da rebelião estudantil, que começou no final dos anos 1960, durante meus dois últimos anos escolares,

Inspirado pelas principais figuras da rebelião estudantil, comecei a estudar Marx e depois os teóricos da nova esquerda, os chamados marxistas culturais da Escola de Frankfurt: Marcuse, Fromm, Horkheimer, Adorno, Habermas, etc., assumindo que encontraria uma resposta para minhas perguntas com eles. Tornei-me (temporariamente) um socialista, embora não um seguidor do "socialismo real existente" praticado na ex-RDA, que conhecia por experiência própria com visitas regulares de parentes e cuja miserável e lamentável economia de escassez e seus líderes proletários me enjoou. Em vez disso, tornei-me um seguidor de, como era chamado, "socialismo democrático humano", liderado por uma elite supostamente sábia de filósofos. E assim aconteceu que Jürgen Habermas, naquela época, a jovem estrela em ascensão da nova esquerda e hoje o sumo sacerdote do estatismo social-democrata e da sinalização de virtude politicamente correta, tornou-se meu primeiro professor de filosofia e orientador de dissertação mais importante. Em 1974, o ano do meu PhD, minha fase socialista, é claro, já havia terminado, e minha dissertação sobre um tópico epistemológico - uma crítica ao empirismo - não tinha nada a ver com socialismo ou 'a esquerda'.

Minha curta fase esquerdista foi seguida por uma fase "moderada" igualmente curta. Em vez da Escola de Frankfurt, minha curiosidade intelectual estava agora cada vez mais focada na Escola de Viena. Mais especificamente: ao chamado círculo vienense em torno de Moritz Schlick, e ainda mais especificamente à filosofia de Karl Popper, que se situa no limite deste círculo de positivistas lógicos. O cerne da filosofia de Popper, que até hoje é provavelmente a visão de mundo mais difundida e influente, especialmente no campo não acadêmico, é a seguinte dupla tese: Todas as afirmações sobre a realidade são de natureza hipotética, ou seja, podem ser refutadas ou falsificadas por experiência. Por outro lado, todas as declarações não hipotéticas, *a priori* ou apodícticas, ou seja, declarações que, em princípio, não são expostas a falsificação,

Eu não estava preparado para aceitar a universalidade dessa tese. (A propósito: isso é uma afirmação hipotética ou apodíctica?) Mesmo enquanto trabalhava em minha tese de doutorado, me deparei com Paul Lorenzen e a chamada Escola Erlangen, o que fez a validade da tese de Popper parecer altamente duvidosa, especialmente em no campo das ciências naturais. Não é necessário primeiro coletar e medir dados e realizar experimentos controlados para testar uma hipótese sobre conexões causais? O conhecimento sobre a construção de instrumentos de medida e a realização de experimentos controlados não antecede metodicamente o teste de hipóteses? E a falseabilidade das hipóteses não se deve à não falseabilidade da construção dos instrumentos de medida e da metodologia de experimentação?

Hoje eu considero a importância dessas questões maior do que eu considerava então, mas este não é o lugar ou a oportunidade de estudar este

assunto (ou qualquer filosofia superior). Na época (como agora), meu interesse principal era nas ciências sociais e, no que diz respeito a isso, estava em grande parte inicialmente disposto a seguir Popper. Como Popper, eu pensei que as declarações das ciências sociais eram geralmente hipotéticas, em princípio falsificáveis declarações 'se então', e que a pesquisa social prática deve ser, como Popper colocou, "engenharia social fragmentada". Deve-se sempre testar as próprias hipóteses antes de prová-las por enquanto (mas nunca definitivamente) ou falsificá-las e revisá-las. Por outro lado, afirmações não falsificáveis, especialmente aquelas que se referem à realidade, ou seja, sobre objetos reais, não existem nas ciências sociais.

Hoje considero essa tese de Popper, aparentemente tão tolerante e aberta à experiência, não apenas errada, mas também totalmente desastrosa ou mesmo perigosa.

Primeiro, um pequeno exemplo da experiência cotidiana para demonstrar seu erro. Ninguém vai querer expor a afirmação “uma pessoa não pode estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo” à falsificação. Em vez disso, aceitamos isso como uma afirmação verdadeira "apodíctica" ou "*a priori*". E, no entanto, sem dúvida, tem uma referência à realidade, como todo fã de thrillers de crime sabe. Pois se o Sr. Meier foi morto a facadas em Viena em 1º de janeiro de 2019 e o Sr. Müller estava em Nova York naquela época, então o Sr. Müller não pode ser considerado um assassino neste caso: não apenas hipoteticamente, mas clara e categoricamente não. Essa afirmação forma a base do chamado princípio do *álibi*, que repetidamente nos fornece uma ajuda infalível na vida cotidiana.

Minha ruptura completa com o popperismo aconteceu enquanto eu trabalhava em minha tese de habilitação sobre os fundamentos da sociologia e da economia. Por um lado, ficou claro para mim que ao explicar a ação humana não se pode, em princípio, prescindir das categorias de escolha, propósito ou objetivo, meio, sucesso ou fracasso, enquanto os eventos naturais e os processos naturais "são como são" e devem ser explicado causalmente, sem qualquer referência a escolha, objetivo, meios, sucesso ou fracasso. Por outro lado, menos óbvio e de importância incomparavelmente muito maior, tornou-se claro para mim que as ciências da ação humana contêm um segmento: a economia (em contraste com a história e a sociologia), em que se pode muito bem fazer afirmações apodícticas e julgamentos, de forma que não seja necessário testar algo para saber como termina,

Enquanto estudava economia, deparei com afirmações como a teoria quantitativa da moeda, segundo a qual um aumento na oferta de moeda leva a uma redução no poder de compra por unidade monetária. Para mim, era óbvio que esta afirmação é uma afirmação logicamente verdadeira, que não pode ser falsificada por quaisquer 'dados empíricos' e, no entanto, uma afirmação com uma referência clara à realidade, sobre coisas reais. Mas para onde quer que eu olhasse na literatura contemporânea, seja à esquerda por Paul Samuelson ou à direita por Milton Friedman, toda a guilda de economistas estava, para ser franco, apaixonada pela filosofia vienense do positivismo lógico ou popperismo, segundo a qual tais afirmações reais apodícticamente verdadeiras são impossíveis ou cientificamente inadmissíveis. Para eles, esta afirmação era ou uma mera tautologia,

No entanto, a tensão intelectual e a irritação que surgiram inicialmente dessa aparente discrepância rapidamente se dissiparam para minha plena satisfação. Em caminhos tortuosos, finalmente descobri a Ação Humana de Mises em meus estudos - na biblioteca da Universidade de Michigan. Mises não apenas confirmou meu julgamento sobre o caráter lógico das afirmações econômicas centrais, mas também apresentou todo um sistema de afirmações apodíticas ou *a priori* (sua chamada praxeologia) e explicou os erros e consequências desastrosas da filosofia positivista de proveniência vienense, a protagonistas centrais com os quais ele, como contemporâneo, estava intimamente familiarizado.

A descoberta de Mises e, imediatamente depois, de seus alunos americanos, em particular de Murray Rothbard, trouxe-me, por um lado, um grande alívio intelectual - aqui estava finalmente a tão esperada visão geral integrada e coerente de todas as coisas, uma obra arquetípica do conhecimento humano! - por outro lado, no entanto, também trouxe consigo muita raiva e decepção e levou a uma crescente alienação do negócio acadêmico-universitário e da opinião pública prevalecente.

Este desenvolvimento ambivalente - o aumento da certeza intelectual por um lado, juntamente com o aumento da alienação social do outro - pode ser ilustrado e explicado com base em uma pequena lista de exemplos de declarações apodíticas ou quase apodíticas, conforme trazido à luz pela Escola Mises-Rothbard - os chamados Austro-Libertários. Para cada um dos exemplos a seguir, existe uma explicação mais detalhada sobre até que ponto a declaração em questão não é uma declaração falsificável no sentido de Popper, mas eu simplesmente confio aqui que esta circunstância é sempre imediatamente

compreensível intuitivamente e que, em qualquer caso, o o poder concentrado dos vários exemplos é suficiente para reconhecer que não se deve, de forma alguma, tentar e tolerar tudo para saber como termina (e também como definitivamente não termina).

Assim, por exemplo, a teoria da quantidade mencionada anteriormente leva à afirmação de que é impossível aumentar a prosperidade social aumentando a oferta de moeda. De que outra forma se poderia explicar que apesar da possibilidade existente de qualquer montante de aumento no papel-moeda, a pobreza continua a existir em alguns lugares, inalterada. Um aumento na quantidade de dinheiro só pode levar à redistribuição de um determinado estoque de bens de bem-estar. Ele favorece os primeiros e primeiros destinatários do novo dinheiro adicional às custas dos últimos usuários.

Deixe-me continuar com toda uma bateria de afirmações de qualidade semelhante, isto é, apodíctica ou quase apodíctica.

A ação humana é a busca consciente com recursos escassos de metas consideradas valiosas.

Ninguém pode deixar de agir deliberadamente.

Cada ação visa aumentar o bem-estar subjetivo do ator.

Uma quantidade maior de um bem é sempre preferível a uma quantidade menor do mesmo bem.

A realização antecipada de uma determinada meta por meio de determinados meios é preferível à sua realização posterior.

A produção deve sempre preceder o consumo.

Somente aqueles que poupam - gastam menos do que ganham - podem aumentar sua prosperidade permanentemente (a menos que roubem).

O que é consumido hoje não pode ser consumido amanhã.

Fixações de preços acima do preço de mercado, como salários mínimos, levam a excedentes invendáveis, ou seja, ao desemprego forçado.

A fixação de preços abaixo do preço de mercado, como tetos para aluguel, leva à escassez e a uma persistente escassez de moradias alugadas.

Sem a propriedade privada dos fatores de produção - no socialismo clássico - não pode haver preços dos fatores e sem preços dos fatores um cálculo econômico é impossível.

Os impostos - encargos obrigatórios - oneram os produtores de renda e/ou proprietários de imóveis e reduzem a produção e a formação de capital.

Nenhuma forma de tributação é compatível com o princípio da igualdade perante a lei, pois qualquer tributação envolve a criação de duas

classes desiguais de pessoas com interesses conflitantes: as do contribuinte (líquido) por um lado, para quem os tributos são onerosos, visa reduzir, por outro lado, a classe de destinatários, ou melhor, de consumidores do imposto (líquido), para quem os impostos enquanto fonte de rendimento são uma delícia que se procura, em vez disso, aumentar ao máximo.

A democracia - regra da maioria - é incompatível com a propriedade privada - propriedade individual e autodeterminação - e leva ao socialismo crescente, isto é, à redistribuição contínua e à erosão progressiva de todos os direitos de propriedade privada.

Tudo o que é subsidiado por impostos, como vadiar ou fazer coisas para as quais não há demanda lucrativa do cliente, é ainda mais encorajado e fortalecido pelo subsídio.

Quem não for pessoalmente responsável pelo reembolso e resgate das chamadas dívidas públicas contraídas por si ou com a sua participação, como é o caso hoje com todos os políticos e parlamentares, irá assumir frivolamente e sem hesitação dívidas para seu próprio benefício presente e para em detrimento de um futuro público pessoal.

Quem controla um monopólio territorial de impressão de dinheiro imposto pelo poder estatal, como todos os chamados bancos centrais, também fará uso desse privilégio e, mesmo que um aumento na quantidade de dinheiro nunca possa aumentar a prosperidade social como um todo, mas pode apenas redistribuí-lo, ainda imprimirá mais e mais dinheiro novo para seu próprio benefício e de seus afiliados diretos e parceiros de negócios mais próximos.

E, finalmente, há o seguinte: quem ou qualquer instituição detém o monopólio territorial do uso da força e da jurisdição, como realmente reivindicado por todos os estados, também fará uso dele. Ou seja, ele não apenas exercerá violência, mas também declarará que seu uso de violência é legal em virtude de seu representante legal final. E em todos os conflitos e disputas de uma pessoa privada com representantes desta instituição (o estado), nenhum terceiro independente e neutro decide sobre o bem e o mal, ou sobre a culpa e a inocência dos oponentes, mas sempre e invariavelmente um empregado, ou seja, um representante dependente, uma das duas partes em conflito (o estado) em si, com um resultado partidário correspondente e previsível de "apoio ao estado".

A lista de tais afirmações apodícticas ou quase apodícticas poderia ser facilmente continuada, mas deveria ser longa o suficiente para ver que tipo de consequências surgem desse conjunto de percepções elementares das ciências sociais.

Obviamente, esses insights estão em conflito flagrante com a realidade social. Nesta realidade existem monopólios de violência, monopólios de impressão de dinheiro, impostos, contribuintes e consumidores de impostos, ociosidade e inutilidade subsidiados por impostos, regra da maioria (democracia), dívida pública, políticos e parlamentares isentos de responsabilidade, consumo de capital (consumo sem poupança), redistribuição de propriedade, salários mínimos e aluguéis máximos. E mais, todos esses atos e instituições não estão sujeitos a críticas constantes. Pelo contrário, eles são, quase monotonamente e de todos os quadrantes, apresentados e elogiados como evidentes, corretos, bons e sábios.

A consequência dessas percepções e sua comparação com a realidade social devem ser claras. Coloquialmente: a princípio, ficamos - e eu mesmo fiquei - simplesmente pasmo. Tornou-se cada vez mais claro para mim que loucura flagrante prevalece no mundo atual. E fiquei pasmo com o tempo e o esforço que levei para chegar a esse insight óbvio.

E havia obviamente duas razões para essa insanidade. Um era simplesmente estupidez humana. Embora os fins supostamente perseguidos pudessem ser bem-intencionados, errou-se na escolha dos meios. Foi estúpido, por exemplo, tentar combater o desemprego com salários mínimos ou a falta de moradia com teto de aluguel. Era estúpido esperar mais prosperidade geral de um aumento na oferta de dinheiro ou mais crescimento econômico de uma expansão do crédito (sem aumento da poupança). Foi estúpido introduzir a democracia como meio de proteger a propriedade. E também era estúpido esperar uma redução na violência ou mesmo na justiça, isto é, resolução imparcial de conflitos, a partir do estabelecimento de um monopolista sobre o uso da força e o judiciário (isto é, um estado); porque os impostos, ou seja, a ameaça e o uso da força,

Mas não foi de forma alguma (e infelizmente) apenas estupidez ou ignorância que foi responsável pelo governo da loucura. Houve também engano deliberado, mentiras e fraude. Também havia mentirosos e enganadores que sabiam de tudo isso. Eles sabiam que as medidas e instituições acima mencionadas não poderiam, e nunca poderiam, levar aos resultados benevolentes esperados por seus contemporâneos mais simples, que, no entanto ou exatamente por isso os propagaram e apoiaram vigorosamente, porque eles

próprios e seus amigos e seguidores podiam lucrar deles - mesmo que apenas à custa e para desgosto de outros. E, claro, ficou imediatamente claro para mim quem eram as pessoas e os círculos, que eram esses vigaristas e seus asseclas.

E outra coisa que entendi por meio de meus estudos de Mises e sua escola de pensamento: o motivo da popularidade e da promoção afetuosa do popperismo, especialmente nesses círculos. Pois não é apenas essa filosofia que permite que qualquer afirmação insana seja considerada hipoteticamente possível e qualquer absurdo seja experimentado. Ao contrário, também permite, ao contrário de sua alegada receptividade e abertura à experiência, proteger qualquer absurdo com desculpas baratas contra a refutação. Se os salários mínimos não reduzem o desemprego ou a pobreza, é porque não são altos o suficiente. Se a expansão do dinheiro ou do crédito não leva ao aumento da prosperidade, é porque é muito pequeno. Se o socialismo leva ao empobrecimento em vez da prosperidade, é apenas porque foi executado pelas pessoas erradas,

Porém, como já indiquei, todo esse conhecimento e compreensão e a paz interior, satisfação e sim, alegria, que eu, vivi no meu encontro com a obra de Mises, também teve seu preço. Pela primeira vez, você entenderá seu Mises e aprenderá a ver o mundo com olhos austríacos, você notará rapidamente, pelo menos se você admitir, que em muitos aspectos você é bastante solitário e isolado.

Não apenas se enfrentou a oposição de todos (esses) vigaristas políticos, mas também de grandes setores de seus vários subordinados, especialmente de todo o estabelecimento acadêmico-universitário financiado

quase exclusivamente por impostos, no qual tentei encontrar um caminho. Uma carreira acadêmica era difícil, senão impossível, e exigia considerável coragem, disposição para lutar e sacrifício para não renunciar ou desistir. Na Alemanha - quanto mais na Áustria - eu estava naquela época em um limbo. Portanto, decidi me mudar para a América. E assim Mises se tornou não apenas um intelectual, mas também um modelo pessoal para mim.

Mises teve negada uma carreira acadêmica regular na Áustria e, depois que os nacional-socialistas tomaram o poder, foi forçado a emigrar para os Estados Unidos. Mesmo lá, no coração do capitalismo, era difícil para ele ganhar uma posição. Mas sua coragem e vontade de lutar não foram quebradas e ele conseguiu fazer com que seu trabalho fosse cada vez mais ouvido e formar uma nova geração de alunos, principalmente o brilhante Murray Rothbard. Rothbard também foi obstruído ao longo de sua vida, e sua carreira acadêmica foi bastante acidentada. Mas foi Rothbard quem agora me colocou sob sua proteção nos EUA, me ajudou a obter uma cátedra e, em particular, me conectou com o Ludwig von Mises Institute, fundado por Lew Rockwell em 1982 e inspirado por ele, Rothbard, como diretor acadêmico.

É, essencialmente, graças ao trabalho do Mises Institute, com o qual tenho permanecido intimamente conectado desde seu início humilde até os dias atuais, e que, sob a direção do incomparável Lew Rockwell, cresceu e se tornou uma instituição com apelo mundial e conexões, que um evento como este pode ter lugar novamente na Áustria hoje. Graças a seu trabalho, os nomes e obras de Mises e Rothbard são muito mais conhecidos hoje do que durante suas vidas. Na verdade, não há país no mundo onde não haja misesianos ou rothbardianos. Meus próprios escritos agora também estão disponíveis em mais

de 30 idiomas. E é certamente também um indicador do progresso que a escola austríaca fez desde então, quando uma audiência de 1.500 assistiu a uma palestra que eu dei recentemente, em Moscou de todos os lugares,

Apesar desse progresso inegável, não se pode, é claro, esconder o fato de que a Escola Austríaca de Mises ainda representa uma posição de outsider intelectual. Na verdade, especialmente como um "austríaco", tenho todos os motivos para ser pessimista quanto ao futuro desenvolvimento do mundo ocidental, pelo menos a curto e médio prazo. Pois estamos vivendo atualmente um período em que a loucura normal, que já mencionei, é mais uma vez intensificada pela doutrina maluca do politicamente correto e pela patológica mania climática quase religiosa dos chamados protetores do clima infantis, confrontados com a quem muitas vezes não se sabe mais se deve simplesmente gritar e chorar, ou então cair na gargalhada.

No entanto, hoje não há mais como parar a Escola de Mises. E quando a verdade finalmente vencer, porque só o que é verdade pode funcionar bem no longo prazo, então chegará a hora da Escola Austríaca de Economia.

Venceremos!